

Apresentamos a III^{ta} Redacção do O Maranhão

O Progresso

Orgão de uma Associação Estudantil

ANNO I

S. Luiz, 1.º de Setembro de 1907.

NUM. 1

EXPEDIENTE

Accepta-se artigos de Collaboração em linguagens decente e instructiva.

Redacção — á Rua de São João n. 63.

O Progresso

Ainda que pequenos sejamos, desejamos acompanhar os campeões na arena jornalística, para representar uma letra perante os nossos caros amiguinhos.

O Progresso promete publicar em seus exemplares interessantes chronicas para a distração dos nossos leitores e, pedimos o auxilio dos velhos campeões para brevemente sermos abraçados no seio da alta sociedade

Caros amigos — O Progresso é um jornal completamente independente, somos crianças, mas o nosso pequeno jornal pode ser apresentado perante qualquer familia, porque será completamente moral, devemos nos esforçar para a moral publica e não salientar a immoralidade no nosso Estado.

Secção de crianças

O Progresso é presentemente o jornal de menos publicação nesta capital, é por isso caros amiguinhos que deveis unir-vos para o seu desenvolvimento, vós bem sabeis que a união é que faz a força. O Progresso com os vossos auxilios correrá o mundo com admiravel successo. Não deveis, caros meninos, recuar um só passo da posição que vão tomar, mostrai aos seus outros muitos amiguinhos estrangeiros o caminho do dever, que haverão de gloriár por suas vezes a Athenas Brazileira.

Vovó.

O Progresso circulou

Joaquim—Manuel, eu quero dizer-te uma coisa.

Manuel—Que coisa é Joaquim,

Joaquim—Só se tu chamares aquelles rapazes que estão ali n'aquelle canto.

Manuel—Pscio! chega rapaziada.

Os rapazes—Para que?

Manuel—Para vocês virem ver uma coisa.

Os rapazes—Vamos a ver o que será isso.

Joaquim—Querem ver o que é?

Os rapazes em altas vozes—Queremos! queremos!

Joaquim—Pois então se calem...



Joaquim, depois de 5 minutos—Estão prom-
tos para ouvir.

Os rapazes—Estamos, sim senhor.

Joaquim—Meus amigos, venho lhes comuni-
car que *O Progresso* circulou.



Lundum de preto

ELLE

Nosso turo tá contente,
Nosso turo vá cantá,
Prú móde do purugueso,
Que hoje vai siculá.

ELLA

Calá boca ti Mané,
Que ousuncê já cantô,
O purugueso ni prá nó
E' prá fio de sínhô.

ELLE

Não me bula tia Maria
Não me venha trapalá,
Eu li passo uma cambite
Li viro de prena proá.

ELLA

Si óce me rivirá,
Seu cabeça de garote,
Eu chamo fio de diô
Pra li métê o sícote.

O Feitor.

O ORGULHO CASTIGADO

João era um rapazinho muito pobre, mas or-
gulhoso.

Uma vez pediu a seus pais que queria cor-
rer terra. E lhe foi por elles aceitaada, e elle
foi, chegando em uma hospedaria e pediu aga-
salho, o dono da hospedaria lhe deu, e dentro
da hospedaria tinha muitas pessoas nos seus
quartos.

João nem ao menos complimentou. Seu
quarto era junto de outro onde estava um ve-
lhinho que era tambem hospede, e este o vendo
complimentou, João porém com orgulho fez
que não o viu e entrou para seu quarto.

Quando foi no dia seguinte pagou o dono da
hospedaria e foi-se embora.

E, quando João estava no meio do caminho,
appareceu a velhinha da hospedaria, que era
feiticeira, e fez com que aquelles mattos se en-
trelaçassem nelle.

João já estava desesperado quando a velha
disse: João, eu te soltarei só se tu nunca mais
fores orgulhoso.

João jurou de nunca mais ser orgulhoso, e
viveu muito feliz.

L. F.



LA VAE VERSO

Acorda menino, acorda,
Que a prêta velha já vem
A vender nos moajuba
E a bola de côco tambem.

Collega se estás zangado
Sem vintem na algibeira,
Esconde o bólo da prêta,
Olha, o professor já vem!

A prova do guisado

Leitor amigo, vós que também já passeiastes muito no caminho que agora nós estamos atravessando, lembrar-vos-ha que quando contastes a nossa idade muito jogastes o pião e brincastes a pata-cega e que muitas vezes para fugires de receber o castigo de vossa querida mãesinha bôas voltas destes com ella a roda da meza que se pega o pão de todos os dias, assim hoje que já sois um extremoso pai ou carinhosa mãe, tratai de proteger-nos para que o nosso, pequeno jornal d'aquí a um anno esteja mais forte que o ferro e mais illustre que a sabedoria da creançada de hoje.



DESPEIXO

A Janoca.

Adeus Janoquinha mimosa,
Adeus meu amôr, minha vida,
Adeus minha esp'rança fagueira,
Adeus colleguinha querida.

A.



Eu não sou tolo

Quem tiver ouro velho, em casa, que não sirva, tenha a bondade de mandar trazel-o á redacção deste jornal, que será gratificado querendo.

Uma pequena historia

Na povoação das * * * havia um carpina, que, quando estava á janella, e que via o rei, dizia para os seus botões: si eu fosse o Rei havia de ser muito feliz

Deus o fez rei, porém o maganão passou a olhar para um morro que tinha defronte do palacio, e desejou ser o morro porque era bonito. Deus o transformou no morro; o sol principiou a dar-lhe em cheio elle achando que o sol era lindo pediu que queria ser o sol.

Deus lhe fez a vontade, porém, quando o freguez se viu abrazado de tanto calor, ajoelhou-se e pediu a Deus que lhe fizesse carpina.

W.



Bispo do Maranhão

Temos o prazer de noticiar a chegada, hontem, do Exm.^o Sr. D. Francisco de Paula e Silva, Bispo Diocesano do Maranhão.

Nós, também, nos associamos aos festejos que a Sociedade Maranhense dedica ao novo Pastor da Igreja Maranhense, e deste logarsinho lhe enviamos as nossas saudaçõesinhas.



A maior novidade conhecida

Cajueiro pequenino
Carregado de flôres,
Tambem sou pequenino
Carregado de amôres.

VARIEDADE

A PERSEVERANÇA

Diz um velho proverbio: « *Aquelle que procura, encontra; e a quem bate, a porta será aberta...* »

— « Quero ver », disse um dia um corajoso moço, de grande força de vontade, « si tal máxima é verdadeira ».

Com essa resolução partiu para Bagdad, na Arabia, e foi procurar o grão-visir.

— « Senhor », disse elle, « vivi muitos annos uma existencia tranquilla e serena. Mas aborreci-me dessa monotonia. O meu patrão repetia todos os dias que « *aquelle que procura encontra; e a quem bate, a porta será aberta* ». Tomei por isso uma resolução decidida. Quero casar-me com a filha do sultão ».

O grão-visir despediu-o, julgando o louco.

No dia seguinte viu-o voltar, e no outro dia, e todos os outros ainda, sempre com a mesma firmeza de vontade.

Uma manhã, em hora de audiencia, o proprio sultão ouviu o audacioso moço exprimir a sua resolução.

Suprehendido com tão extranha idéa, e desejando divertir-se, disse:

— « Um homem que se distinguisse pela sua familia, coragem, sabedoria, por qualquer façanha, desejando desposar minha filha, seria natural. Mas, você? quaes são os títulos que o recomendam? que tem feito de notavel? Para ser meu genro, é preciso, pois, que se faça conhecido, tomando parte em qualquer empresa ariscada. Olhe: ha tempos passados perdi no rio um diamante de extraordinario valor. Aquelle que o achar, terá a mão de minha filha ».

O moço, contente com essa promessa, foi estabelecer-se ás margens do rio.

Todas as manhãs, com um pequeno vaso, tirava a agua, e derramava-a sobre a areia.

Os peixes, inquietos com a sua perseverança, e receiosos de que chegasse a esgotar o rio, reuniram-se em conselho.

— « Que pretende esse homem? !... »

— « Achar um diamante que o sultão perdeu aqui ».

— « Então », aconselhou o velho soberano dos Peixes: « acho que devemos restituil-o, porque vejo a sua força de vontade. E' capaz de esgotar a ultima gota do nosso rio, antes do que renunciar ao seu projecto ».

Os peixes acceitaram o conselho, e depuzeram o diamante no vaso. O moço levou-o ao sultão, que cumpriu a sua promessa, dando-lhe a filha em casamento.



A cigarra e a Formiga

(La Fontaine)

Cantando a cigarra
Em todo o estio,
Achou-se em apuros
No tempo do frio.

De mosca ou de verme
Não tendo bocado,
Procura a formiga
Pedindo emprestado.

Em vindo a ceifa
Eu juro lhe dar
Com juro e tudo
O que me emprestar.

Não gostando a formiga
De dar emprestado,
Faz-lh' esta pergunta
Um tanto zangada.

Nos tempos calmosos
Você que fazia?
Vivia cantando
A quantos eu via.

Cantava no estio?
Que bella vidinha!
Agora tem fome,
Pois danse visinha.

MARIASTRO.

Maranhão—Typ.—Frias.

A Il^lre Redacção do "O Maranhão"

O Progresso

Orgão de uma Associação Estudantil

ANNO I

S Luiz, 8 de Setembro de 1907.

NUM. 2

EXPEDIENTE

Accepta-se artigos de Collaboração em linguagens decente e instructiva.

Redacção — á Rua de São João n. 63.

7 de Setembro

Caros amiguinhos, com o dia de hontem passam-se oitenta e cinco annos que D. Pedro I, a 7 de Setembro de 1822, na margem do rio Ypiranga, proclamou a Independencia do Brazil com o memoravel brado—Independencia ou morte!

A data de hontem, meus amiguinhos, é a de maior gloria para os brazileiros por que vivemos independentes, ou livres de qualquer dominio estrangeiro, por esse grito de heroismo patriótico que o convidaram para aceitar o titulo de Defensor Perpetuo do Brazil, e no dia 12 de Outubro foi proclamado Imperador Constitucional do Brazil, o qual a sete de Abril de 1831 por motivos politicos deixou este posto de honra, entregando a seu filho D. Pedro II.

Não deixéis nunca passar essa data gloriosa por despercebida.

Vobó.

Bispo do Maranhão

Não foi só o prazer que tivemos de noticiar a chegada do Exm.^o Sr. D. Francisco de Paula e Silva, Bispo Diocesano do Maranhão.

Temos ainda o prazer de noticiar, que tambem leve uma bonita lembrança infantil, que para a qual fez brotar a sua sabia palavra com relação ao symbolo da sagrada cruz de flôres naturaes, a qual foi entregue a S. Exc.^a por uma menina, para demonstrar que a religião catholica vive abraçada actualmente no nosso seio de meninos; tivemos enthusiasmo por termos ouvido as doces palavras do sabio prelado com as quaes nos retiramos satisfeitos, e devido aos nossos afazeres deixamos passar sem noticiar.

Pedimos aos nossos amaveis companheiros desculpas, por esta falta involuntaria.



Aerostieo

Primerosa veio a aurora
Esplandente a madrugada
Nosso jornal festejar
Postosos viram os velhos
Rembrando-se do passado
Em nos ver esmorejar
Sem haver contradicção
Somos todos o mesmo typo
O mesmo poder em acção.

Brincando

Eu vi Sinhá, eu vi,
Eu estava no corredor,
Um mocinho bonfinho
Lhe entregando uma flôr!

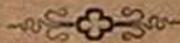
Ouvi Sinhá, ouvi,
Elle lhe dizer baixinho,
Na hora da despedida,
Ate logo meu bemzinho.

Magdalena, deixa disso,
E já para a cosinha vai,
Pois pelo teu desaforo
Vou contar tudo a papai.



Agradecemos as nossas collegas «A Pacotilha» e «A Imprensa» pelas maneiras delicadas com que fomos acolhidos, enviando-nos phrases animadoras que nos encorajam a proseguirmos na tarefa que emprendemos, e estamos com maior entusiasmo, afim de correspondermos com os nossos esforços áquellas gentis referencias.

Deixamos aqui as nossas expressões sinceras dos nossos reconhecimentos aos nossos distinctos collegas.



O aperto

São 4 1/2 horas da manhã, ainda os meus queridos velhinhos, envolvidos nos seus alvos lençóis, estão no leito encolhidinhos, a sonharem com a verdura, legume e as lindas flôres que hão de collier, ás 7 horas, para darem á creada para vender, afim de vêr se transforma tudo isso em 200 réis para inteirar a compra do mantimento diario.

E eu acho-me defronte de uma meza repimpado n'uma cadeira a contemplar tres objectos que neste amavel dia tenho de lutar, moralmente, um pouco, com elles, sim leitores, a penna, a grammatica e a Historia do Brazil; do

bico da penna eu estou arranjando este pobre frazeado para completar a minha missão afim de não ficar em falta com os meus collegas, porém a tal da grammatica e Historia do Brazil é que me está fazendo dizer: «aqui é que a porca torce o rabo», como um velho que alcunhavam por «grilo», em uma occasião que se via bastante apertado para responder ao seu interlocutor.

E' verdade que devo dizer lhe que desses amaveis livrinhos eu sou um verdadeiro amigo, e principalmente no da em que tenho de passar d'elles para o craneo umas quatro paginas dos seus dizeres afim de satisfazer, do meu professor e amigo, o seu sabio mandato, para não sahir no fim da lição com a cara vermêlha, a ouvir os traquinas dos meus collegas gritarem: carão! carão! e d'ali me esperarem na sabida para me darem uns «cascudos» até me fazerem lançar mão da arma de S. Estevam e fazer dez correr e eu na frente.

Por hoje caro leitor vou dar fim a minha caceleação a desejar vos vida, saúde e muitas prosperidades, para me ajudares a levar este fardo até o cimo das minhas rissonhas esperanças.



Salve 7 de Setembro!

VAVÁ

Por completares mais um anno da tua preciosa existencia, estimo que esta data se reproduza por longos annos de vida e saúde.

Aceita os meus parabens.

A. M. B.



Os lucros do egoista

Na povoação do Mão-Fim, havia um velho de nome Faustino, o qual tinha um boi fugido,

e levou muito tempo atrapalhado para pegal-o, rogava a José, pedia a Manoel, terminando sempre as suas tentativas baldadas.

Um dia o velho lembrou-se de Santo Antonio, e fez-lhe voto, se elle tivesse a felicidade de pegar o boi, que mandava matal-o para vender a carne para si e o cebo para comprar velas para o Santo.

No mesmo dia á tarde, estava o velho assentado no peitoril da varanda da casa de sua residencia a saborear as fumaças do seu sarrento cachimbo, quando sua mulher contentissima disse-lhe: Pai Faustino, vá ver o seu boi que estava fugido, que nhó Zacharias, lá do porto das onças e outros companheiros vieram trazer ali na porta.

O velho deu um pulo e seguiu para a porta da rua, e quando avistou o boi, vendo que estava muito gordo disse aos homens, que traziam o boi, mettam o no curral, que amanhã eu o mando matar para depois justar as minhas contas com Vosmíncês.

No dia seguinte, quando amarraram o boi no moirão e que o velho viu que o boi podia dar muito sebo, deu uma grande gargalhada e foi dizendo: qual, Santo Antonio mesmo não quer sebo, eu vou tratar de vendel-o e de guardar o meu dinheiro que muito me pode servir.

Immediatamente o boi fez um esforço com a cabeça, quebrou a corda e mais ligeiro que uma flecha ganhou o malto e foi uma vez. Pai Faustino andresado com o que acabava de se passar, disse para os seus companheiros: Santo Antonio é tólo, eu estava brincando, elle zangou-se e soltou o boi!

Louvemos a Santo Antonio
Tanto prazer e venturas,
Que neste mundo concede
As humildes creaturas



Apello

Meninas bonitas
Como a lua cheia,
Fazei senhoras
A minha vontade
Comprando o *Progresso*
Todas as vezes
Por gentileza,
E alliva bondade.

CORREIO DOS LARES

Fizeram annos esta semana:

Dia 2—O interessante menino Luzico Guterres, neto do negociante desta praça, Luiz Antonio Guterres;

Dia 3—A senhorita Augusta Bastos de Jesus, prima do conego Pimenta Bastos;

Dia 4—A senhorita Meloca Soares Domingues, dilecta filha do capitão João Soares Domingues;

Dia 5—A senhorita Maroca Botelho, sobrinha do coronel Luiz Antonio Guterres.

Faz annos amanhã a Exm.^a Sur.^a D. Maria Francisca Corréa de Faria, mãe adoptiva do nosso companheiro Luiz Faria.

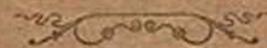


Segue para S. José de Riba-Mar, com sua Exm.^a familia o Sr. Francisco B. de Carvalho. Estimo feliz viagem.

Seu amigo—Vicente Machado.



Cae a chuva que refresca
E revigora as tristes flores
Que estão sobre seus galhos
Gosando dos seus primores.



Luiz Faria

Completa amanhã as suas treze primaveras o nosso companheiro de redacção Luiz Raimundo Corrêa de Faria.

Podemos dizer que Luiz Faria, pela sua idade, é um menino intelligente, não só por ter iniciado a seguir a carreira jornalística e mesmo porque ainda não teve um menino no nosso Estado que tivesse uma vocação brilhante, como a de Luiz Faria.

O nosso companheiro é pequeno no tamanho mas é grande na intelligencia, se dissemos assim é porque contamos nas nossas fileiras com um combatente forte para enfrentar o analfabetismo.

Prosegue a tua carreira, amiguinho, que mais tarda verás o teu nome laureado como os dos nossos mestres: Edmundo Bittencourt, I. Xavier de Carvalho, José Barreto e outros.

Lundú de preto

ELLE

Agóra eu tá cuntente,
Tou no gôsto do samba,
Só à frôça de fogo
Ou ageito de pilangz.

ELLA

Ti Mané é vá mimbóra,
Eu não tem cabeça de touro.
Prú môde desse prapé branco
Sicóte vai im seu côro.

ELLE

Sáia dá qui lia Maria
No domingo ôcê mi anóllou,
Eu com o Púrúguêssô
Sou mémmo sua sibôu.

«Chega o senhor»:

Passa para cá seu moleque,
Vem para o tronco apanhar,
Solte já esse jornalsinho
Que não é para preto pegar.

Feitor.

PROSANDO

Na villa do Matto Grande, vivia um casal muito pobre, pois a muito custo ganhavam para matar a fome, uma vez ao dia, porém uma bella noite, a mulher disse ao marido que estava sentindo antôjos o que só tinha vontade de comer um pouco de carne de carneiro.

O homem ficou inteiramente contente quando soube que estava para ter também o seu peccorucho, mas vendo-se atrapalhado para satisfazer o desejo de sua mulher, para a contentar, disse-lhe: Oh! meu amor! somos tão po-

bres, que a não ser a tua companhia, já tinha posto termo à existencia e agora por causa de nos faltar a carne de carneiro estou vendo perdemos o nosso filhinho. Porém, para que essa dolorosa tristeza não venha se apoderar de nós, eu vou vêr se roubo um carneiro; á vista da resolução tomada a mulher o acompanhou, depois de terem andado bastante, chegaram a porta de um cemiterio, o marido disse á mulher, tu ficas me esperando aqui, enquanto eu vou buscar o carneiro.

Ora, havia nessas immediações um aleijado, que todas as noites pedia a um seu visinho para o levar carregado afim de tomar um pouco de ar, o visinho, pegava o aleijado punha-o nas costas e láo dar um passeio.

Nessa occasião penden para o lado do cemiterio, quando a mulher vio o homem se aproximando com aquella carga ás costas, satisfeíssima gritou! trouxestes, marido! está gordo ou magro? o homem atemorizado passa mão do aleijado afira no chão, dizendo-lhe: ou gordo ou magro abi o teus, e sem esperar deu de gambiás a valér, porém, leitor, quando chegou na porta da casa onde morava já encontrou o aleijado assentado o qual disse-lhe rindo: «esta fricção já você me devia ter dado a mais tempo.



O PASSADO

Pobre velho, coitado! porque dizes assim? Porque eu o conheço ha muito e posso dizer-te que já foi um dos grandes vultos da nossa sociedade e extremoso chefe de familia que lutou com grande afinco afim de crear, educar, instruir e collocar a seus filhos, e estes depois de servidos, pilhando o em avançada idade deram-lhe o desprezo por parte de tantos beneficios que lhes fez. Assim é bom mirar mos nos neste tristonho exemplo, afim de tratarmos bem os os nossos velhinhos, suavisarmos os seus soffrimentos e sabermos lidar com os nossos filhos, quando os tivermos, para que não sejam tão desconhecidos e ingratos.

Maranhão—Typ. Frias.

207
A Ill^{re} Redacção da "Pacotilha"

O Progresso

Orgão de uma Associação Estudantal

ANNO I

8 Luiz, 22 de Setembro de 1907.

NUM. 4

EXPEDIENTE

Accita-se artigos de Collaboração em linguagens decente e instructiva.

Redacção — á Rua de São João n. 63.

O desenvolvimento

Vêdes, caros leitoreszinhos, como tem sido grande o desenvolvimento do Brazil, notadamente no governo do Exm. Sr. Dr. Alfonso Penna, o que nos parece querer cumprir o que disse na sua mensagem que foi lida no Congresso Nacional no dia que tomou posse do seu governo.

S. Ex.^a não tem poupado esforços para o progresso da nossa Patria, pois está fazendo o nome do Brazil mais conhecido nas cinco partes do mundo, a prova de que, vemos o nosso Paiz triumphar mais uma vez na Conferencia de Haya, temos já grandes projectos para melhorar a agricultura e a industria nacional, está se fazendo uma reforma geral no exercito, e na nossa marinha de guerra, temos em construção na Europa tres grandes couraçados, o que nos parece, pelo que diz alguns jornaes, serão os primeiros dos que tem havido em armamentos.

S. Ex.^a não teria outra escolha melhor para

ministeriar o Brazil, pois o seu Ministerio é composto só de homens de meritos, que sabem trabalhar em pròl da nossa Patria.

Vêdes, amiguinhos, um homem de grande prestigio para o nosso Paiz é o actual Ministro da Marinha, Contra Almirante Alexandrino de Alencar, que ainda não completou um anno de sua administração, o seu projecto em (rumo do mar) já vai dando a melhor prova.

Ha annos que não se vê na nossa armada uma actividade tão intensa como a que está dando o dedicado ministro, pois tem trazido os nossos vazos de guerra em incessantes reorganisações, multiplicando os exercicios e as viagens de instrucção com o fim de dar á nossa officialidade e á marinhagem da nossa esquadra a melhor tactica de guerra.

Nem uma das mobilisações dirigidas pelo Contra Almirante Alexandrino teve tanta importancia como a partida da divisão naval sob o commando do Almirante Huet Bacellar que foi aos Estados-Unidos da America do Norte levar o nosso pavilhão allivo na revista internacional.

Caros colleguinhas, por hoje basta de conversações, no proximo numero tratarei do desempenho da esquadra brasileira na revista universal de Hampton Roades, como descreveu, pela *Provincia do Pará*, o distincto official José Eduardo de Macêdo Soares, ajudante de ordens do Almirante Huet Bacellar.

Vóvó.

Entre dois estudantes.

Joaquim —tu sabes a lição de gramatica ?
Manoel —sei, diz tambem que sabes, afim de que eu possa dizer... *que não sei nem patavina.*
Joaquim —a tua resposta me confunde a ideia!
Manoel —te explico, toda a vez que se falla em gramatica me confunde é a *farta intelligencia!*
Joaquim —cada vez eu fico nadando em seco e comprehendendo menos.
Manoel —ouves o meu conselho, procura *um matematico*, tomas algumas lições, estuda e depois... soma, multiplica, divide e caso sendo possivel *diminue* que a gramatica brota a força.

Um coelho.

As Andorinhas.

Foram sens ninhos fazendo
Com esse par venturoso,
Que andava fugindo ao inverno
Viam o mau tempo chuvoso.

Eram ellas: ao sol posto
Vi-as em bandos passar;
Iam doudas; era um gosto
Vêl-as nos ares brincar.

As bellas das andorinhas
Vinham de longe cantando
Formando bandos enormes
Pelo espaço esvoaçando.

J. N.

Factos naturaes

A ambição é quase tão funesta ao espirito como a fome.

Dar os seus mais bellos pensamentos por um bocado de pão. é uma desgraça.

Trabalhar por uma folha denominada *Progresso* é um perigo muito forte.

A penetração tem um ar de adivinhar que lisongeia mais a nossa vaidade, de que todas as outras qualidades do espirito.

Pela ponte de madeira passa o louco cavalleiro.

Salve 22 de Setembro de 1907.

Luiza dos Santos Passos.

Por contar hoje mais uma dacta na sua carinhosa existencia, venho felicital-a fazendo arden-tes votos ao Altissimo para que ella se reproduza por muitos annos de felicidade e alegria das suas filhas.

Fausto W. dos Santos.

CORREIO DOS LARES.

Fizeram annos esta semana :

Dia 16 — A menina Raymunda Eglantine Maya, filha do sr. Gregorio Pereira Maya.

Dia 17 — O joven José Veiga, estimado empregado do commercio.

Dia 18 — O Sr. Major Serafim Gonçalves Teixeira, irmão do nosso bom amigo Antonio dos Santos Teixeira.

Dia 19 — A senhorita Mariêta Ribeiro, dilecta filha do estimado capitalista Candido José Ribeiro.

Dia 21 — A Exm.^a Shr.^a D. Antonia Gôes dos Santos, digna consorte do nosso conterraneo e amigo Alfredo Nicolau dos Santos.

Dia 22 — A Exm.^a Srr.^a D. Luiza dos Santos Passos.

Um creado na ponta.

Ea villa do Bello Azul, um bom homem precisando de fallar a um certo ricaço, respeito negocio de alta importancia, indagou-lhe a residencia e foi bater-lhe á porta, immediatamente appareceu-lhe um creado, trajando de branco, com um grande laço azul ao pescoço, e a queima roupa, perguntou ao homem: quem é você? uma creatura humana, respondeu-lhe o homem: onde mora? numa bola. Diga-me essa bola é de papel, madeira, pedra, osso, prata ou ouro? o bom homem querendo divertir-se um pouco com o estroina do creado, disse-lhe: veja esse per-sevejo que lhe está servindo de alfinete na gravata; o meliante desconcertado, diz ao homem: será a sua residencia em alguma laranja ou maracujá? o homem um pouco maçado, responde-lhe: não seja burro. Sim! retrucou-lhe o creado, já sei, você mora no casco do carangueijo, porque quando creança minha mãe contou-me uma historia que dizia, que um homem tinha ficado encantado no casco do carangueijo por causa de uma moça muito rica. O bom homem com a devida piedade e paciencia, então disse ao ignorante: eu estou no mundo admirando e engrandecendo todas as obras e maravilhas da natureza e compadecendo-me dos brutos quando se tornão importunos.



Riam agora

Nos sitios da roça não se prendem as galinhas durante a noite. Estas dormem nas arvores e isto preserva-as de um grande numero de molestias que se desenvolvem no abafamento dos gallinheiros, livrando-as, além disso, dos piolhos.

Assim o vistoso gallo de um sitio ainda antes de anoitecer, fôra empoleirado na arvore, com a sua unica companheira, uma gallinha cariço, em

elevado gallo de Jacaraliá, e ali desferiu o canto saudando o dia que se finava.

Ora, aconteceu passar por baixo do Jacaraliá, uma rapoza que trazia fome de tres dias e levantando os olhos para a arvore descobriu o casal de gallinaceos.

Dona Rapoza considerou muito ajuizadamente que aquellas duas aves estavam apropriadas para fortalecer o seu debilitado estomago. Como porém, alcançal-as, se estavam tão altas?

Dona Rapoza meneou durante algum tempo a cauda, estudando um ardil, e depois, levantando a cabeça, disse:

—Bôa tarde, capitão Gallo.

—Bôa tarde, Dona Rapoza, respondeu delicadamente o Gallo.

—Que? Tão cedo ainda e já o capitão Gallo está de poleiro?

—Que quer Dona Rapoza.

Logo que o sol se encobre começo a distinguir mal as cousas e assim posso cahir nas garras de qualquer inimigo.

Não tema isso capitão Gallo.

Acaba de ser assignada entre os animaes uma paz geral. Os galos vivem já em bôa camaradagem com os ratos, os coelhos com os cães, as serpentes com as rãs, as onças com os carneiros e assim por diante.

Desça cá em baixo com a sua estimavel consorte para mostrar-lhes o decreto e festejarmos juntos a nossa paz.

O que dizei é verdade, Dona Rapoza?—Em todo o ponto; desça que lhe mostrarei o decreto, pelo qual, após tantos seculos de guerra, nos tornamos os melhores amigos.

Acredito no que dizeis, Dona Rapoza, e como deste gallo avisto um cão que vem se aproximando, logo que elle chegue, descerei para festejarmos a paz entre os brutos.

Dona Rapoza, no entanto, poz-se a correr logo que ovriu falar no cão; e este, assim que a avistou, bateu em sua perseguição.

E corria, corria, desesperadamente a emteira, enquanto o gallo, empoleirado na arvore, gritava-lhe a bom gritar:

—Mostra-lhe o decreto! Mostra-lhe o decreto!

Escusado é dizer que a rapoza não lhe deu ouvido, e continuou a correr, até apanhar-se em matagal seguro.

(E' de um velho).

NÃO TEM GRAÇA

Sahiram de casa um pai e um filhinho, os quaes iam para a Praça «João Lisboa», ouvirem o phonographo do «Café Riche», quando encontraram uns meninos brincando com uma locomotiva e aquelles pararam para admirarem se do tal divertimento; tendo depois continuado a sua jornada, chegaram á bonita praça e lá sentaram-se, d'ahi a momentos começaram a ouvir as lindas peças que reproduzia o referido phonographo. O luar era bonito.

Voltaram para casa e ao chegarem os dois, foram descansar. Eram dez horas da noite, quando de repente o menino diz ao seu papai, me compre uma locomotiva igual aquella que nós vimos hoje á tarde?

O papai disse: agora é muito tarde; a loja aonde tem a venda taes brinquedos está fechada. Olha vai dormir; dá cá um beijo.

O brejeiro do menino, deu lhe a resposta incontinenti.

E' muito tarde, papai, minha boca tambem já esta fechada.



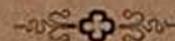
Salve o dia 24 de Setembro

A NOSSO PADRINHO

Por colher mais uma primavera no jardim da sua preciosa existencia, Deus que lhe dê outras tantas, para com o seio de sua familia.

Os dois afilhados

N. T. I. N. T. A.



O triste consolação

Pedro: o que tens João?

João: estou aborrecidissimo da vida.

Pedro: sabes qual é o remedio para isto?

João: não sei, não.

Pedro: é a leitura do *Progresso*.

João: muito obrigado, muito obrigado e até logo que vou já comprar um numero para distrahir-me.

Lundú de preto

ELLE

Tia Maria eu ando de óio
Com esse sinhou Juio Ramo
Por causa desse lá perfi
Quarquê dia noz brigamo

ELLA

O que ocê tem com isso
Ti Mané vá sucégá
Por causa d'ú *Piranguesso*
Ocê com tudo qué brigá

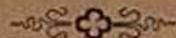
ELLE

Não se méta tia Maria
Fique com a ingua parada
Elle que se acomóle
Sinão eu dô-le caceláda.

ELLA

Dê licença ti Mané
Ocê tá é adódado
Pegue sê lição de fogo
Vamo quemá o rucádo.

Feitór.



Sem valor

Militar sem tática
Palhaço sem espirito
Casa sem quintal
Cosinheira sem paladar
Velha béata que procura fazer mal
Artista sem ferramenta
Costureira sem agulha
Homem preguiçoso
Moça namorada
Thezoura desamolada
Caldeirão sem fundo
Gato que não pega rato
Cão que não ladra
Filho desobediente

Maranhão—Typ. Frias.

6 Progresso

Orgão de uma Associação Estudantil

ANNO I

S. Luiz, 20 de Outubro de 1907.

NUM. 8

EXPEDIENTE

Accepta-se artigos de Collaboração em linguagens decente e instructiva.

Redacção — á Rua de São João n. 63.

As revistas internacionaes de Hampton Roads.

O desempenho da divisão naval brasileira.

(Conclusão).

A inferioridade que imaginavamos, se iria acentuar, do nosso material, em confronto com as esquadras das grandes potencias, não foi absolutamente de modo a nos envergonhar. Está claro que ponho sempre de parte a representação verdadeiramente brilhante que o chefe da divisão desempenhou, em mais de uma occasião como no grande jantar offerecido pelo Almirante Erans, chefe da esquadra americana, aos Almirantes chefes das legações estrangeiras, o logar de honra coube ao Almirante Huet Bacellar a quem se applicava o brocardo do right in the right place.

Um outro ponto não deve passar em branco. A travessia do Rio de Janeiro para Hampton Roads fizemol-a em 40 dias, com alguns percursos bem longos, como o de Recife a Barbados. Acrescenta-se que o «Riachuelo» tem 23 annos e ninguém que tenha jamais viajado por mar em tão longas distancias e com os nossos fallgados navios, poderá imaginar que se possam prescindir de pequenas reparações para a volta.

Vejamos agora o que succedeu com a nossa divisão e com as divisões estrangeiras.

De S. Thomaz para Hampton Roads fomos acossados por violento temporal e na proximidade da costa tivemos o fog. Ainda assim chegámos com esplendida navegação e entramos sós na bahia de Chesapeake.

Em Nova York, depois da nova travessia, começamos pequenos reparos no «Tamoyo» e apenas o retardo da comunicação do governo americano sobre a revista de 10 de junho dando tempo a que se iniciassem as obras do navio, impedio como providencia de serviço, que tambem o «Tamoyo» viesse como o «Riachuelo» de volta a Hampton Roads sem novos preparativos.

Vejamos o que succedeu aos mais poderosos e adiantados estrangeiros e havemos de notar que ainda nesse particular não fica nos em má situação. A divisão japonesa encontrando fog na costa não entrou como a nossa, e de 30 milhas ao largo reclamou o auxilio dos praticos do governo, sendo soccorrida por um destroyer americano. E foi isto o que transpirou nos jornaes de Nova York.

A divisão franceza chegou muito avariada em Nova York, principalmente o «Chasseloup Loubat» que perdeu quasi toda a pintura do costado.

Na travessia para Hampton Roads, que é apenas de 250 milhas, teve como a japoneza necessidade de reclamar de muito fóra o auxilio da esquadra americana que fez sahir o «Mine-sota» em seu auxilio.

Os navios chegaram ao porto comboiado e com algumas leves avarias, como fez constar ao *New York Herald*.

O «Sanck George», chefe austriaco, perdeu na travessia uma das helices e vai entrar para o dique em New-Porto News.

O cruzador hollandez tambem, como já foi dito, entrará para um dique.

A própria esquadra americana destacou duas

de suas divisões para os arsenaes de Nova York e Norfolk.

Os nossos pequenos reparos serão feitos sobre agua e nem uma esquadra estrangeira trouxe de um hemispherio a outro um navio como o «Riachuelo».

Vovó.

Querida Rozica Caldeira

Quizera n'este momento ter o prazer de estar ao lado da tua imagem de creança loira, para, ao collocar-te na fronte virginal essa corôa de anjelic, que te affereço como testemunho do que me vai n'alma, pela vida que hoje transcorre; collocar-te tambem nos labios um beijo, que melhor do que as flores, sabe traduzir para o coração verdadeiro quantos são sinceros os votos que faço e continuarei a fazer pela tua felicidade.

Tua amiga J. P.

Gratidão

Os anjos perante Deus sejam os propugnadores do engrandecimento e perduração das vossas brillantes intenções.

Graças de lateiro jubilo e sincera cordealidade agradecemos a dignissima Illustrada redacção da REVISTA TYPOGRAPHICA, a recordação que teve do nosso humilde nome mimosianodos com o primeiro numero de seu altivo e luzente jornal.

E' justamente numa das columnas do precioso Altar da vossa incansavel lida que vimos apresentar-vos o nosso abraço de confraternisação, pedindo-vos sempre o apoio da vossa válida e nobre hombração.

As artes são os perfeitos elementos que muito concorrem para o engrandecimento da nossa vida; subressaindo a Typographica por ser do seio da civilisação a luz que enaltece em todo o mundo os altivos dizeres das bem encaminhadas associações.

Assim, Viva a Imprensa! e todos em choro elevamos uma oração em attenção da alma de Gutenberg.

NO LARGO DOS REMEDIOS

—Dadá, eu não gosto que me preguem peça, porque dou por pau e por pedra.

—Miloca, eu bem te disse que elle não vinha porque hoje tem vizita na casa da familia delle.

—E quem são as pessoas que fazem parte dessa visita?

E' D. Carolina e a sua interessante Marieta.

—Porque não me disestes isso hontem porque eu o tinha mandado ver se o Chiquinho ou o Pedrinho precisavam de um engraxa-botas?

—Oh! sinhá d'onde vens minha negra?

—Ora menina eu estou dando um passeio para não estar aturando a cacelação do casmurro que já conheces, porque só leva durante a noite a offerecer-me sorvete e doce sem dizer uma phrase que entorneça o coração da gente.

—Ah! minha boa amiga, se conversares meia hora com o Pitunga, ficavas tão encantada por elle que eras capaz de pedil-o immediatamente em casamento. Não o conheces, cala a bocca que ali vem elle.

M' Rosica

Que as amenas e fagueiras brizas da madrugada do dia 20, te sejam portadoras de perennes e inumeras felicidades.

Mundico.

CORREIO DOS LARES.

Dia 15—A senhorita Julieta Pires.

Dia 16—A interessante menina Maricota, dilecta filhinha do sr. João Bello

Dia 17—A senhorita Almira Moura d'Oliveira, prezada irma do nosso amigo José Moura de Oliveira.

Dia 18—A senhorita Altina da Cunha Lopes.

Hoje o joven João Maia irmão do nosso companheiro Vicente Maia e a senhorita Rosica Caldeira, prezada irma do nosso amigo João do Amaral Caldeira.

Parabens.

Carta a minha irmã

Residente na Villa da Recordação.

A ser prompto na remessa,
Que ahí te fiz promessa,
Agarrei com sustancia,
A minha penna querida,
Contando-te a preferida
Passagem de nossa infancia,
Pois estive em Sant'Iago,
E com grande regalia,
Fallei a Pedro Teixeira,
Junto de sua familia.

Foi um festão minha irmã,
Durante toda a manhã,
Em casa do meu amigo;
Que em me ver teve conforto,
Por me julgar mesmo morto,
Já na cova, como abrigo;
Porém como estou velho,
E muitissimo esquecido,
Foi preciso por gentileza,
Me fallarem os conhecidos.

Foi centena de abraços,
Que ganhei em um só passo,
N'aquelle lugar de flores:
Onde o meu companheiro
Vai passando ultracero,
A colher os seus odores.
Alli tudo está mudado,
E cheio de graças mil,
Por não ter o mata-pasto,
Do nosso tempo infantil.

Aos Martins eu abraço,
E um bom exemplar tracei,
Da fabrica de pilar arroz;
Que sempre com grande limpeza,
Surtem com muita limpeza,
A quem a compra lhes propoz:
Do lembrado Frei Dorotheu;
No lugar só resta a Cruz,
Que o povo no mez de Maio,
everente a cérea de luz.

Estive no Cemiterio,
Mais o compadre Heterio.
Abraçamos o Furtado;
Que por estar no posto,
Veio a nosso encontro,
Mostrando-se esforçado,
Em nos mostrar no recinto,
Desde o rico Mansuleu,
A grotesca sepultura,
Do desventurado pebeu.

Tanta ossada em abandono
Sem se saber quem foram os donos,
Os meus olhos allí viram;
Seriam ellas só de pobres,
Que sem flores e sem dobres,
As suas carnes consumiram;
Não, talvez que o orgulho,
Nos esteja demonstrando,
O egoismo desta vida,
Como se vai deslustrando.

Fazendo o meu trajecto,
Com mudança de aspecto,
Bela rua do Passieio;
Vi allí um prédio nobre,
Que só a custa de cobre,
Se pode ter tanto assieio;
Para saber de quem é
Perguntei ao Gonzalez,
Tendo por lhana resposta,
Ser o Hospital Portuguez.

Se quiser ver cousa boa,
Para não ir assim atoa,
Se demore até Dezembro;
Que é quando fazem a festa,
Tendo por gosto a testa,
O mais illustrado membro:
A' fóra as commissões,
De recebimento e sahida,
Que em toda parte se encontra,
Constante naquella lida.

Pois mette gosto se ver,
Para depois descrever,
De tudo, o bello e o bom;
E para maior regalia,
Apparecem allí as familias,
Trajadas em grande tom:
Pois direito tudo corre,
Com ardente animação,
Sem haver um so momento,
Signal de atrapalhação.

Pela travessa do Monteiro,
Eu vim muito prasenteiro,
A' rua de Santa Ritta,
Onde vi pelas janellas,
Muitas mocinhas bonitas,
Da trança apertado a fita:
Sem ser dellas conhecido,
Fui tirando o meu chapéu,
Porque julguei estar vendo,
Os santos anjos do ceu.

A seguir este caminho,
Eu fui muito directinho,
A' rua de Sotomayor,
E aqui achado,
Não ter allí encontrado,
Uma lembrança do que faz
Esse Professor Illustrado,
Que consumo todo o tempo!
Em limar de seus discipulos,
A phrasa e o pensamento.

Diz ao compadre Maurique,
Que saugado assim não fique
E nem faça rebendita;
Respeito a sua encomenda
Porque achel melhor fazenda
Na loja da Benedicta.
Sauda á nossos velhinhos,
E tem cuidado no batente,
Para que na porta não caia
Quando ahí chegar o—VALENTE.

Fabrica de tintas.

Os Srs. Bernhard Blum & Comp.^a acabam de estabelecer nesta cidade, uma fabrica de tintas para escrever, copia, e carimbar, da qual nos enviam dois vidros como amostra das marcas, urubú e guará o que tivemos a occasião de experimentar e conhecer a especialidade de seu fabrico.

Na nota annexa que nos foi remetida pelos mesmo Srs. consta as seguintes marcas e preços, para escrever urubú e cyricoria de 15000 a 185000 a duzia, para copiar, papagaio, chico-preto, e marreca de 95 a 265 a duzia; para carim-

bar, especial 85000 a duzia e tambem encarnada para escrever, marca guará 105000. Agradecemos a offerta.



A' João C. C. Ferreira.

Por colheres hoje mais uma primavera no jardim da tua existencia rogamos a Deus para que o teu porvir seja coberto de felicidades.

Dos teus amiguinhos,

F. G.—E. G.—R. L.—E. G.—T. G.—J. G.

Lundú de preto

ELLE

Nozi lagamo ruçado
Proquê nozi não é ova
Laguei soviço pesado
Só pra dá uma nova

ELLA

É não queria mi mélé
Masi vô dá minha pinhão
E mêmô falá é não sei
Masi tí Mané dá sermião.

ELLE

So pêlo sé cumendadô
Pêlo sé intremedio
É vô fêto mêmô dôto
Pra lagro do remedio.

ELLA

É tambem va ao lagro
Que de mim não se pôuca
É é de tá reprimprada
Bem vistida de estôpa.

Feitôr.

A' R. Belfort

Completa mais um anno de preciosa existencia o Sr. Raul Belfort aprendiz de machinas da Fundição da Companhia de Vapores, e é um dos intelligentes assignante do nosso jornal, ao anniversariante desejamos que esta data se reproduza por longos annos.

Os redactores.

ERRATA

Na carta passada na segunda decima linha oitava onde se lê alforgir leia-se alforge.

Eu reprovo

Todos os velhos que gostam de palitot rachado.

Todas as meninas que não sabem da rua.

Todas as moças que teem dentes postiços.

Todas as moças que teem o rosto pequeno e gostam de uzar estua bem cahida na frente.

Todos os homens cazados que gostam de namorar as mulheres dos outros.

Todas as moças de 30 annos que não querem sahir dos 18.

Todos os homens casados que não teem emprego.

Todas as viúvas namoradeiras.

Todas as moças e rapazes que são convencidos por outros.

Salve ! O dia 20 de Outubro Salve !

O nosso estremecido amigo Joca Maya, accete as nossas cordeaes saudações, e um quebra custella por mais essa pamonha que colhe hoje.

Tataragim Tataragim Tataragim gim.

Vssoura.

Casa limpa.

Vascolhador.

Porta aberta.

Proza

- Sabes ? o Manoel fuglo.
—Sim ! E levou vinte contos do pai.
—Oh ! Que grande pandego.
—E levou o teu chapéo.
—Oh ! que grande ladrão.

Typ. Frias.